Quadros de uma exposição

JOSÉ LIBERAL DE CASTRO(*)

Esta apresentação se compõe de blocos (**). Assim, à vontade do leitor, pode ser lida no todo, numa ou noutra parte, em seguidas partes isoladas ou em partes entrelaçadas. Por assim dizer, constituem esclarecimentos aparentemente desconexos ou descabidos, apresentados como explicação à temática pictórica abraçada por Nearco Araújo, que ora lida com os igapós amazônicos ora com as jangadas das praias de areia branca do Ceará. Tanto com onças pintadas como com jumentinhos pacientes. Com cidades ou com abstrações cromáticas.

O artista

O arquiteto, pintor e desenhista Nearco Barroso Guedes de Araújo, nascido no ano da graça de 1936, é cearense de adoção e amazonense de nascimento e de saudade. Veio ao mundo em Manacapuru, pequena cidade às margens do Solimões, situada perto de Manaus (perto, é claro, em termos de Rio-mar...).

Os cearenses e a Amazônia

Por volta de 1880 começam a avolumar-se as correntes de cearenses atraídos pela aventura da borracha amazônica. Em busca do enriquecimento rápido ou da morte, muitos se dirigem a Belém e Manaus, porém em maior número sobem os rios da selva inóspita, particularmente os meandros do Purus, explorando se-

(*) Sócio efetivo do Instituto do Ceará.

ringais em pontos cada vez mais distantes. Sem se dar conta de impedimentos geográficos, no começo do século atual já haviam invadido a Bolívia, ocupando-lhe e arrancando-lhe fatia do território, maior do que o Ceará, dada de presente ao Brasil, origem do Estado do Acre.

Gerações de cearenses se criaram com famílias bipartidas entre sua terra natal e a Amazônia, ligadas por eventuais visitas ou pelos laços de um correio não muito assíduo. Eu que o diga. Em fins dos oitocentos, meu avô, Quincas Liberal, instalado no seu seringal Curá-curá, nas barrancas da Canutama, no médio Purus, vinha ao Ceará quase anualmente. Sempre trazia consigo um filho já desmamado, entregue às irmãs para criá-lo em clima seco e salubre, livre da malária e do beribéri. Uns filhos do velho Quincas retornaram ao Amazonas. Outros ficaram nos tabuleiros fortalezenses. Alguns se dispersaram. Minha mãe, permanecendo com as tias, tornou-se cearense. Para tanto, obrigou-se a passar a vida distante do tronco familiar amazonense, embora vinculada por amiudado contato epistolar ou gozando de ocasionalíssimo convívio pessoal com os seus.

Os Araújos

A queda do preço da borracha em torno de 1910 fez desmoronar um castelo de cartas. Ainda assim, muitos cearenses continuaram buscando uma Amazônia já não encantada. Mais raramente, sem dúvida. Iam, mas em bom número voltavam. Iam novamente, demoravam, mas voltavam. Os pais do nosso artista - Francisco de Paula Guedes de Araújo e Judith Barroso Guedes de Araújo, filhos de cearenses, nasceram no Amazonas mas "voltaram". A família - irmãos, irmãs, primos, primas, sobrinhos e sobrinhas, dividida entre Manaus e a Fortaleza, com o passar do tempo espalhou-se em terras mais distantes, embora unida por via de intenso intercâmbio, hoje facilitado pelas viagens aéreas e pela telefonia.

A vida

Nearco Araújo educou-se em Manaus. Envolvido nas andanças familiares, transferiu-se para o Ceará em 1957, ocasião em

que o conheci, pois logo veio trabalhar comigo no Departamento de Obras da Universidade Federal do Ceará na condição de desenhista técnico. Pouco tempo depois, casou-se com a Rita de Cássia Fernandes, senhora muito ativa, contraditoriamente poetisa e *expert* em computação. Nasceram-lhes dois filhos, a Helena, casada com o Rafael e mãe da Beatriz e do Pedro, e o Nearco Filho, casado com a Vládia e pai da Joana.

No Ceará, Nearco Araújo cedo se tornou conhecido no campo do desenho artístico e no da pintura. Aberta a Escola de Arquitetura da Universidade, no começo de 1965, com o apoio incondicional do grupo de arquitetos com quem trabalhava - Neudson Braga, Gerhard e Nícia Bormann, Ivan Britto, Reginaldo Rangel e este escriba, Nearco decidiu enveredar por nova profissão. Prestes a encerrar brilhante curso de arquitetura, em 1969 participou da equipe vencedora do Concurso Internacional de Anteprojetos de Estudantes de Arquitetura, patrocinado pela X Bienal de São Paulo, obtendo a Medalha de Ouro. Arquitetura, pintura e desenho têm assim integrado permanentemente a vida de Nearco Araújo, mesmo porque se tornou professor de comunicação visual e de desenho artístico na escola onde se graduou.

A mostra

A presente mostra busca oferecer uma visão retrospectiva da produção de Nearco Araújo ao longo dos quase quarenta anos de intensa atividade. Uma visão parcial, todavia impõe-se esclarecer, pois se restringe unicamente a trabalhos conservados na coleção pessoal do artista. As peças mais antigas formam um conjunto distribuído entre 1961 e 1985, enquanto a quase totalidade da exposição, de certo modo, abrange praticamente obras executadas no ano passado e neste ano de 96, transcorrido já quase pela metade. Isto é bom, porque reflete as tendências e as preocupações atuais do artista. Lamentavelmente, os desenhos comparecem à mostra em número mínimo, constando apenas de cinco trabalhos a lápis de cor e grafite sobre papel canson, sucintos testemunhos dos seguidos ciclos de representação de figuras humanas, animais e objetos utilitários que tanto têm marcado as atividades artísticas de Nearco Araújo.

Pena é que, por motivos alheios à vontade do expositor, a exposição, repita-se, não inclua um número significativo de desenhos de objetos. Integrantes de coleções particulares, desenhos, a par de constituírem séries de elevada qualidade artística, também podem figurar como preciosa documentação de interesse da antropologia cultural, nomeadamente aqueles que lidam com jangadas e equipamento de trabalho rural. No entanto, a série *As jangadas*, hoje incluída no acervo da pinacoteca da Casa de José de Alencar, felizmente acha-se reproduzida em álbum magnífico, impresso sob patrocínio do Banco do Nordeste do Brasil.

As restantes obras ora exibidas são guaches sobre madeira e papel canson, acrílicos sobre tela. São flores, visões alegóricas, igapós, cidades e explosões cromáticas. Numas, prevalecem os estudos de cor; noutras, mal se esconde o disfarce intencional das estruturas que organizam o espaço.

Consoante a lição dos grandes mestres, a pintura de Nearco Araújo apoia-se fundamentalmente no desenho. Em quaisquer instâncias, e com declarada força, o hábito de desenhar, aliado à disciplina do fazer arquitetônico, escora-se numa tectônica. Esta, embora velada, transparece mesmo nas composições abstratas quando as manchas avultam. Muitas peças podem ser consideradas isoladamente, mas também podem agregar-se em conjuntos, constituindo polípticos, plenas que ficam de poderosa carga expressiva.

À guisa de encerramento

Em meados do século XVI, no afã de trazer para Portugal as excelências da "nova arte" renascentista, el-rei D. João III [o das capitanias hereditárias] enviou para a Itália o pintor Francisco de Holanda. De regresso à pátria, o artista externou seu pensamento em textos que o tempo consagrou, quer no âmbito da estética urbana, como em *Da Fábrica que falece à Cidade de Lisboa*, quer no campo da pintura, como nos Diálogos de Roma /"/. Freqüentador assíduo do refinado círculo romano de Vittoria Colonna, Holanda fez reproduzir nos *Diálogos* as conversações ali mantidas, particularmente com aquele a quem chamava de Mestre Micael

Ângelo, escritos hoje tomados como testemunho básico para o estudo da personalidade do grande nome da arte universal.

Arquiteto, professor de arquitetura, desenhista e pintor, é porém nesta última forma de expressão artística que ora desejo render minha homenagem comovida a Nearco Barroso Guedes de Araújo. Pretendia fazer-lhe o meritório elogio, o dificílimo elogio. Dificílimo, repito, ante a preocupação, que me aflige, de incorrer nas frases de efeito, nos ditos convencionais, nos derramamentos verbais nascidos de impulsos fraternos estimulados por uma amizade consolidada em um convívio cotidiano de quase 40 anos. E, por tão ciente estar da inutilidade de insistir no meu intento, busco amparo no artista lusitano, certo de que Nearco Araújo bem poderia repetir, de si ou para si, as palavras confessionais com as quais Francisco de Holanda, também arquiteto, professor, desenhista e pintor, inicia os *Diálogos de Roma*:

"Se me Deus desse a escolher livremente, entre todas as graças que repartiu com os mortais, qual queria ter ou alcançar, nenhuma outra lhe pediria, depois da fé, senão o alto entendimento de pintar ilustremente. Nem porventura nesta queria ser outro homem, senão este que sou. De muitas graças dou eu ao imortal e soberano Deus por me neste grande e confuso mundo dar alguma pequena luz nos desejos da altíssima pintura, pela qual a nenhum outro dote em mais honor a reverência tenho pelo seu grande merecer".

José Liberal de Castro.
Fortaleza, abril de 1996

(**) Matéria inserida no catálogo da exposição de pintura e desenhos de Nearco Araújo, aberta na Galeria do Instituto Brasil-Estados Unidos - Ceará em 11.11.1996. A presente transcrição visa a repor a integridade do texto, então apresentado com incorreções e omissões que lhe dificultam a leitura. O título, ora conferido, referente a uma peça musical de Modest Mossorgsky inspirada nos desenhos de um arquiteto, é meramente circunstancial.